

COLEÇÃO  
*Júlio Verne*

---

# A ILHA MISTERIOSA





# A ILHA MISTERIOSA

2ª Edição

 EDITORA  
RIDEEL

## EXPEDIENTE

PRESIDENTE E EDITOR	Italo Amadio
DIRETORA EDITORIAL	Katia F. Amadio
ASSISTENTE EDITORIAL	Edna Emiko Nomura
ADAPTAÇÃO	Margareth Fiorini
ILUSTRAÇÕES DE CAPA	Susy Braz Reijado
REVISÃO	Tiago Sliachticas
NOTAS DE RODAPÉ	Mônica Hamada
ROTEIRO DE LEITURA	Ana Tereza Pinto de Oliveira
EDIÇÃO DE ARTE	Hulda Melo
DIAGRAMAÇÃO	Denilson dos Santos
PRODUÇÃO GRÁFICA	Hélio Ramos
IMPRESSÃO	Leograf Gráfica e Editora Ltda.

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

FIORINI, MARGARETH

COLEÇÃO JULIO VERNE / JULIO VERNE ; ADAPTAÇÃO MARGARETH FIORINI. – 2. ED. – SÃO PAULO: RIDEEL, 2009.

CONTEÚDO: A ILHA MISTERIOSA – A VOLTA AO MUNDO EM OITENTA DIAS – CAPITÃO HATTERAS – NORTE CONTRA O SUL – OS FILHOS DO CAPITÃO GRANT – TRÊS RUSSOS E TRÊS INGLESES – UM CAPITÃO DE QUINZE ANOS – VIAGEM AO REDOR DA LUA – VINTE MIL LÉGUAS SUBMARINAS

1. LITERATURA INFANTO-JUVENIL 2. VERNE, JULES, 1828-1905 I. TÍTULO.

09-01444  
028.5

CDD-

ISBN: 978-85-339-1168-0

© Copyright - Todos os direitos reservados à



Av, Casa Verde, 455  
Santa Terezinha - São Paulo - SP  
CEP 02519-000  
www.rideel.com.br  
e-mail: sac@rideel.com.br



Proibida qualquer reprodução, seja mecânica  
ou eletrônica, total ou parcial, sem prévia  
permissão por escrito do editor.

1 3 5 7 9 8 6 4 2  
0 4 0 9

## *Prefácio*

Precursor da ficção-científica, Júlio Verne revela sua importância pela maneira como compreendeu o mundo em que vivia, a ponto de antever várias das descobertas científicas que se concretizariam somente no século XX, como o submarino ou a viagem à lua.

Suas aventuras entretêm adolescentes de todo o mundo há gerações, levando seus leitores à viagens espetaculares.

Seu realismo advém de sua estrutura baseada sobre seu conhecimento científico e sobre sua habilidade em construir personagens singulares.

Ler Júlio Verne é vislumbrar a perplexidade do homem do século XIX diante do mundo que se descortinava à sua frente, é viver a emoção das novas descobertas na companhia de homens intrépidos numa nova expedição rumo ao desconhecido, é, finalmente, conhecer todos os recônditos da Terra.

Esta coleção traz as obras deste notável autor com texto adaptado de forma a agilizar a leitura sem prejudicar o desenvolvimento de suas narrativas.

Ao rodapé das páginas foi incluído um glossário em que também constam fatos históricos e coordenadas geográficas para facilitar a compreensão dos textos e sua localização espaço-temporal.

Além disso, um Roteiro de Leitura que, preenchido, resultará num pequeno resumo da obra.

Esperamos, desta forma, resgatar a obra deste autor, difundindo-o entre todos os brasileiros.



Cyrus Smith era oficial do Estado Maior na Guerra da Secessão<sup>1</sup>. Essa guerra teve lugar nos Estados Unidos da América do Norte, durante o governo de Abraham Lincoln, pela causa da libertação dos escravos. Além de oficial, Cyrus era um engenheiro e homem de ciência de primeira grandeza. Era um homem de ideias e de ação; assim, seus atos se realizavam sem esforço. Tinha um caráter forte e a persistência dos que confrontam o azar. Apesar de tudo, fora feito prisioneiro na batalha de Richmond<sup>2</sup>.

No mesmo dia, um repórter do New York Herald, Gedeon Spilett, também caíra prisioneiro. Spilett era o tipo do repórter cheio de ideias, soldado, artista, herói da curiosidade e da informação, que empunhava um lápis numa mão e uma arma na outra. Cyrus e Spilett tornaram-se amigos e, em pouco tempo, só tinham um objetivo em mente: fugir de Richmond para se unirem ao exército do General Grant!

Eles gozavam de certa liberdade, mas a cidade estava toda protegida pelas tropas sulistas, de forma que os projetos de fuga pareciam impossíveis. Naqueles dias, um antigo servo de Cyrus conseguira alcançar

<sup>1</sup> Guerra de Secessão: (1861-1865) conflito armado entre os estados do Sul (Confederação) e os do Norte (União) dos EUA, e que resultou no fim da escravidão em todo o território americano.

<sup>2</sup> Batalha de Richmond: uma das tentativas das tropas da União de conquistar a capital confederada. Em abril de 1865, o General Grant derruba a cidade e a incendeia, pondo fim à guerra civil e dando vitória à União.



a cidade cercada, apesar da vigilância. Era Nabucodonor, apelidado por Nab, um antigo escravo libertado da propriedade do engenheiro, que lhe votara<sup>3</sup> amizade e dedicação eternas. Com prazer, Nab sacrificaria sua própria vida pelo engenheiro, se preciso fosse.

Um fato curioso veio mudar o rumo de suas vidas: havia sido construído um balão para conduzir cinco pessoas para campos de batalha longínquos. Contudo, no dia do embarque houve um furacão, que tornou impossível a partida. E o balão ficou na grande praça de Richmond, à espera de melhor tempo. Mas este só piorava... Foi quando um marinheiro chamado Pencroff propôs a Cyrus que se utilizassem do balão para a fuga.

— Mas não estou só — disse o engenheiro. — Tenho Spilett e Nab comigo.

— Ótimo — disse Pencroff. — Meu amigo Harbert Brow e eu somos dois; com vocês três, totalizamos cinco... O balão foi feito para seis.

A noite veio. Estava escuro e um denso nevoeiro os impedia de enxergar um palmo à frente do nariz. As ruas estavam desertas, pois, com semelhante tempo, ninguém julgava ser necessário vigiar a praça ou o balão. Tudo favorecia a fuga dos prisioneiros, mas uma horrível viagem os esperava, naquelas condições.

Os cinco encontraram-se na barquinha do balão, em silêncio. No momento de dar ordem para subir, Cyrus viu, surpreso, seu cão Top pular no balão. Quis mandá-lo descer, mas Pencroff dissuadiu-o<sup>4</sup>, dizendo

<sup>3</sup> Votar: dedicar; conceder.

<sup>4</sup> Dissuadir: desaconselhar; despersuadir.

que ainda cabia mais um. Assim fugiram de Richmond e, só cinco dias depois, o denso nevoeiro dissipou-se e eles puderam ver o mar imenso por baixo do balão. Não tinham pontos de referência, visto que, devido ao furacão, que destruíra grandes áreas na América, Ásia e Europa, em nove dias do mês de março de 1865, o balão se deslocara muito pelos ventos horríveis. O balão, na verdade, parecia um joguete<sup>5</sup> no meio da tempestade, e eles ficaram o tempo todo sem saber quando era dia ou quando era noite. Agora, que podiam avistar o mar, nem imaginavam onde estavam...



O balão começou a perder altura. Desesperados, os fugitivos começaram a jogar fora tudo o que fosse peso, inclusive coisas úteis e alimentos. Mas o gás escoava rapidamente, o que lhes causava verdadeiro pânico, ao ver o mar lá embaixo com ondas imensas e violentas. Nenhuma ilha ou continente. Só o mar — eterno, límpido<sup>6</sup>, azul e infinito.

Conforme jogavam peso do balão ao mar, ele subia um pouco, mas logo voltava a cair, já que seu problema era o gás que fugia irremediavelmente.

Quando os fugitivos já tinham feito tudo o que era possível para evitar a tragédia e esperavam pela ajuda divina, Top latiu: parecia ver alguma coisa. Era um pedaço de terra! Abençoada terra, ilha ou continente, não importava. Habitada ou não; hospitaleira ou selvagem. Agora todos se concentravam no desejo de atingir aquele ponto longínquo<sup>7</sup> que estava a uma boa hora de viagem. O balão aguentaria tanto? Pouco depois, o balão corria raso<sup>8</sup> junto

<sup>5</sup> **Joguete:** coisa que é movida sem opor resistência.

<sup>6</sup> **Límpido:** nítido; transparente; sereno.

<sup>7</sup> **Longínquo:** distante; afastado.

<sup>8</sup> **Corria raso:** percorria quase tocando.



ao mar. Algumas ondas já os atingiam, quando estavam bem próximos à terra. Os passageiros tinham meio corpo imerso na água e eram empurrados por ondas furiosas, quando um golpe de mar impulsinou o balão, que subiu inesperadamente e os arremessou à praia. Spillet, Pencroff, Harbert e Nab, além de Top, conseguiram salvar-se. Cyrus, o líder natural do grupo, não chegou à praia e, quando o cão se apercebeu, voltou ao mar, em busca do dono. Os demais fugitivos fizeram o mesmo, esquecendo o próprio cansaço.

Foram horas de busca e de desespero, mas nada encontraram. Nem o corpo de Cyrus nem suas roupas. Porém, Nab não desistiu e continuou a nadar contra a corrente, em maré alta. Os outros três regressaram à praia, exaustos, e, deitados na areia, ficaram contemplando a terra em que viveriam por longos anos. Harbert e Pencroff encontraram mariscos junto aos rochedos e os comeram avidamente. Estavam esfomeados e os moluscos enganaram a fome, mas não a sede. Continuaram mata adentro e encontraram um riozinho, cuja nascente era fresca e potável.

Estavam alegres, descobrindo novas formas de sobreviver, quando se puseram a procurar abrigo. Encontraram uns rochedos, em forma de grutas, aos quais deram o nome de “chaminés”, e começaram a transportar lenha, pelo rio, em uma jangada improvisada.

O jornalista havia saído em busca de Nab e Cyrus. Harbert confienciava a Pencroff que esperava rever Cyrus e que ele não era um homem comum para dei-

xar-se morrer naquelas circunstâncias. O marinheiro não tinha a mesma esperança, mas ficou calado para não entristecer o rapaz.



Além de habitação e água, nossos amigos encontraram ovos de pombas e os levaram às chaminés, juntamente com a lenha, que seria o combustível da nova vida. Na chaminé, Pencroff quis acender uma lareira, já que estava esfriando com o chegar da noite, mas não encontrou fósforos! E, assim, desistiu de fazer ovos cozidos para o jantar e saiu com Harbert para pegar mariscos nos rochedos.

Encontraram Nab e Spilett, que voltavam exaustos das buscas inúteis. Nab tinha os olhos vermelhos de chorar. Harbert deu a eles um punhado de mariscos, que eles comeram alucinadamente. Ficaram caídos na areia, recompondo a energia e os ânimos. Quando pareciam descansados, Harbert convidou-os a seguirem à chaminé. E, assim, foram dormir a primeira noite de suas novas vidas.

No caminho, Harbert perguntou a Nab e a Spilett se não teriam consigo um fósforo. Por sorte, Spilett encontrou um palito no bolso. Era o único! Harbert nem teve coragem de acendê-lo, temendo quebrá-lo. Com emoção, Pencroff usou-o, acendendo uma fogueira, que logo aqueceu o ambiente. Nas cinzas quentes, colocou uma dúzia de ovos para armazenar alimentos para o grupo.

Ao jantar, todos deram graças a Deus por estarem salvos e lamentaram a ausência de Cyrus. Oraram, profundamente, para reencontrar o líder, vivo.



Nab continuava na areia, vagando como uma alma penada, não obstante o frio.

No dia seguinte, os náufragos do ar fizeram o inventário<sup>9</sup> do que possuíam: além das roupas do corpo, Spilett conservara o relógio, por esquecimento. Não tinham um utensílio, nem uma arma ou canivete. Lamentavam a perda de Cyrus: ele vivo os tiraria daquela enrascada! Do nada tiraria tudo o que precisassem...

Era necessário explorar as regiões vizinhas, mas o jornalista achou melhor adiarem a excursão, visto que precisavam recuperar as forças. Nab aderiu com fervor<sup>10</sup> à ideia, pois não queria abandonar a costa até encontrar algum sinal de Cyrus.

De certa forma, tinham um abrigo; o fogo estava sendo conservado pela lenha sempre acesa; mariscos e ovos havia em abundância. Portanto, o pior passara...

No dia seguinte, logo ao amanhecer, Nab voltou a nadar no local onde o engenheiro desaparecera. Harbert e Pencroff saíram para mais uma caçada e o jornalista ficou na chaminé, à espera de Nab, conservando o fogo da lareira.

Depois de muitas tentativas inúteis, os caçadores conseguiram uma boa dezena de pássaros curucus<sup>11</sup>. O rapaz lamentava não ter Top por perto para ajudá-los. Desde que se pôs a procurar seu dono, Top não tinha mais voltado. Talvez estivesse morto também.

Harbert e Pencroff voltaram ao anoitecer para as chaminés e encontraram o jornalista sentado na areia, fitando o mar. Ele olhava uma nuvem negra, que indicava um terrível vendaval para a noite. Os caçadores

<sup>9</sup> Inventário: relação de bens.

<sup>10</sup> Com fervor: com dedicação; com zelo.

<sup>11</sup> Curucu: ave trepadora da América do Sul.

conversavam com ele sobre Cyrus, quando o marinho disse que acreditava na morte do engenheiro e que, talvez, uma corrente forte tivesse arremessado seu corpo para local distante. Spilett não concordou com ele nessas palavras:



— Acho que o desaparecimento duplo de Cyrus e Top tem um quê inexplicável, compreende? Respeito sua opinião, mas ainda não estou certo...

Pencroff preparou dois tetrazes<sup>12</sup> assados num espeto. O gosto era excelente, pois até temperos ele conseguira encontrar na floresta!

A ventania era terrível, enquanto os três devoravam o jantar. Estavam preocupados com Nab, que até ali não tinha regressado. Pensaram em ir procurá-lo, mas seria perigoso, já que o nevoeiro os faria perder a direção do abrigo. Com o cair da noite, a tempestade aumentara. Harbert conseguira dormir logo, assim como Pencroff, pois, como marinho, estava habituado a conviver com violências naturais; só Spilett virava-se em sua cama de areia, insone. Estava preocupado com a tormenta, com Nab, com a chaminé, que poderia desabar a qualquer momento, soterrando-os. Um barulho chamou sua atenção: acordou Pencroff para que ele ouvisse.

— É o vento — disse o marinho, voltando a dormir.

— Não, não é o vento — disse Spilett. — É latido de cão, mesmo...

— Top! — gritou Harbert, que acordara naquele momento com o barulho.

<sup>12</sup> Tetraz: gênero de aves galináceas.



Os três correram para a porta da chaminé. O vento forte empurrava-os para dentro. Para conseguirem se manter em pé, eles se seguravam nas rochas. No nevoeiro, nada viam: mar, terra, céu — tudo se confundia com as trevas.

Pencroff, sabiamente, entrou na chaminé e voltou com uma lenha acesa, como uma tocha. Assobiaram e chamaram o cãozinho, que entrou pelo corredor. Harbert brincava com Top e admirava como ele não estava sujo nem cansado. Parecia incrível ele ter conseguido encontrá-los no meio da tempestade!

— Se Top apareceu, Cyrus também aparecerá — falou Harbert.

Top, porém, estava agitado. Parecia querer conduzi-los até o engenheiro. Os três resolveram segui-lo, confiando em seu instinto sábio. Caminharam algumas horas, em meio às chuvas, e, quando amanhecia, Top seguiu o rumo das dunas. Lá, numa espécie de gruta, viram Nab ajoelhado perto de um corpo inerte. Era Cyrus.

— Vivo?! — perguntou Pencroff a Nab, que não respondeu.

Os três começaram a tentar salvar Cyrus, com massagens e água. Foi assim que o engenheiro deu um suspiro e pareceu querer balbuciar<sup>13</sup> alguma coisa. O corpo de Cyrus não apresentava um só arranhão e as mãos estavam intactas. Era inexplicável!

Nab contou que vira pegadas humanas na areia e as seguira nas dunas, quando viu Top, que o levou para junto do seu amo. Portanto, Nab já o encontrara

<sup>13</sup> Balbuciar: articular imperfeitamente e com hesitação.

ali deitado e pensava que estivesse morto... Dera ordens a Top para encontrar os outros, confiando no instinto poderoso do cão.



O grupo improvisou uma padiola<sup>14</sup> e, a caminho das chaminés, Cyrus conversou com Spilett. Semi-consciente, o engenheiro perguntava se estavam numa ilha ou num continente. Quando melhorou, Spilett quis saber como se salvara, mas ele não se lembrava de nada e logo adormeceu, debilitado.

Como as chaminés ficavam longe e o grupo não podia correr com a padiola, chegaram ao anoitecer. Pencroff, então, ficou desolado com o que o mar fizera nas rochas: tudo estava revolvido e o fogo, apagado!

No dia seguinte, já recuperado, Cyrus riu muito sobre a história do fósforo único e tranquilizou Pencroff, dizendo-lhe que obteriam fogo, novamente. O engenheiro estava preocupado em descobrir se estavam em uma ilha ou em um continente e propôs que todos subissem na montanha mais elevada para descobrirem. Aquilo decidiria o rumo de suas vidas.

Harbert, Nab e Pencroff haviam saído para caçar. Desta vez, porém, com Top à frente, tudo era mais fácil. Aliás, foi ele que acabou caçando um cabié, que, assado, mais parecia um leitãozinho!

Quando os caçadores regressaram à chaminé, surpreenderam-se vendo fumaça. Pencroff não acreditava que veria fogo novamente!

Cyrus, então, explicou que, usando os vidros dos relógios (dele e do jornalista), uniu-os com água e greda<sup>15</sup>, conseguindo que os raios solares

<sup>14</sup> Padiola: maca.

<sup>15</sup> Greda: variedade de argila.



provocassem combustão em musgos secos... À noite, comeram o cabié assado, cuja carne era excelente, sargaços<sup>16</sup> e pinhões. A chaminé estava muito aquecida e gostosa, já que Spilett e Cyrus durante o dia repararam os estragos da chuva.

No dia seguinte, logo cedo, o grupo saiu para subir a montanha. Levavam provisões de cabié para garantir a refeição do dia e contavam caçar alguma coisa no caminho. A subida foi difícil, mas a caça, proveitosa. Armaram acampamento numa clareira e dormiram ali. No dia seguinte, continuaram a escalada. No alto, Cyrus exclamou tratar-se de uma ilha, não existindo arquipélagos ou continentes próximos. Era uma ilha desabitada do Pacífico.

A partir daí, eles começaram a projetar uma nova vida, já que não teriam meios de sair de lá. Cyrus sentia-se capaz de arrancar daquela natureza selvagem tudo o que fosse necessário à sobrevivência dele e de seus companheiros. E isto todos sentiam: estando com Cyrus, nada temiam.

A região era vulcânica, afirmou o engenheiro. A fauna<sup>17</sup> e a flora<sup>18</sup> eram ricas, mostrando bem a exuberância<sup>19</sup> do lugar.

— Eis aqui, amigos — disse Cyrus —, o cantinho de terra que nos legou a divina providência. Estamos gratos e a abençoamos! Vamos viver aqui por muito tempo, já que um navio não se aproxima de ilhas pequenas como esta.

Quando todos renovaram fé e confiança em Cyrus, Pencroff disse:

<sup>16</sup> Sargaços: algas de grandes dimensões.

<sup>17</sup> Fauna: conjunto dos animais próprios de uma região.

<sup>18</sup> Flora: conjunto dos vegetais próprios de uma região.

<sup>19</sup> Exuberância: fertilidade.

— Haveremos de transformar esta ilha numa pequena América. Construiremos cidades, linhas férreas, telégrafos e um dia vamos oferecê-la à União: será mais uma estrela na bandeira norte-americana! A partir de agora, não somos mais náufragos, mas colonos...



E, animados, como colonos começaram a dar nomes a todos os portos, baías, rios e praias. Batizaram a ilha com o nome de Lincoln, no dia 30 de março de 1865, jamais lhes ocorrendo que o grande presidente norte-americano seria assassinado dali a quinze dias.

Seguindo Top, Nab e Harbert conseguiram caçar um faisão. O cão, espertamente, caçou uns roedores, dos quais praticamente engoliu um, vorazmente<sup>20</sup>. Quando Pencroff lamentou não ter armas de fogo, Cyrus aconselhou-o a fazer arcos e flechas, com a lâmina que retirou da coleira de Top.

— E nada de desdém<sup>21</sup>, Pencroff. A humanidade ensanguentou todas as épocas com arcos e flechas. A pólvora nasceu ontem...

À noite, após o jantar, o engenheiro tirou umas amostras do bolso.

— Vejam o que encontrei: minério de ferro, piritite<sup>22</sup>, argila e carvão. Este é o trabalho da natureza. Amanhã, falaremos sobre o nosso.

No dia seguinte, Cyrus liderava os colonos a começarem um grande trabalho. O ferro e o aço estavam no estado de minério; a olaria, no estado da argila; as roupas em estado de matérias têxteis, vegetais; na verdade, os colonos estavam iniciando um trabalho de reconstrução do mundo e Cyrus estava feliz

<sup>20</sup> Vorazmente: com avidez; consumir violentamente.

<sup>21</sup> Desdém: desprezo; orgulho.

<sup>22</sup> Piritite: ou pirita. Sulfeto de ferro que se emprega na fabricação do ácido sulfúrico.



em contar com a melhor equipe de homens que poderia reunir: fortes, inteligentes e hábeis.

O princípio de tudo era a construção de um forno, que pudesse transformar as substâncias naturais. Fabricariam louças, utensílios e tijolos. Para construir o forno, precisavam de argila. No lago, Cyrus a tinha encontrado na véspera, e em abundância. A argila embebida com água e amassada pelas mãos era dividida em prismas<sup>23</sup> de igual tamanho. Em dois dias de trabalho, os colonos já tinham três mil tijolos.

A equipe dedicava-se febrilmente ao trabalho, sem se descuidar das caças e das provisões. Com o forno, fizeram todo o utensílio de que precisavam, embora as formas fossem bastante primitivas.

Cyrus, um dia, construiu um aparelho rudimentar<sup>24</sup> que parecia um sextante<sup>25</sup> e um grupo partiu para fazer as medições de latitude<sup>26</sup> e longitude<sup>27</sup>. Planejavam construir uma embarcação se estivessem próximos a alguma ilha ou continente. Porém, calculada a posição, Cyrus verificou que não seria sensato arriscar as vidas de seus homens, já que estavam a muitas milhas de outras terras. E, por maior esforço de memória que fizesse, não conseguia lembrar-se de nenhuma ilha do Pacífico cuja localização fosse a de Lincoln.

O próximo trabalho dos colonos foi de caráter metalúrgico. Deveriam transformar minérios de ferro em aço, utilizando peles de focas como máquinas de sopro. Encontradas as jazidas, o minério era riquíssimo. Com o primeiro pedaço de ferro, Cyrus obteve um martelo, que os auxiliou nas tarefas seguintes. O engenheiro aqueceu o minério com

<sup>23</sup> **Prisma:** poliedro em que duas faces são polígonos paralelos e côngruos, e as outras são paralelogramos.

<sup>24</sup> **Rudimentar:** pouco desenvolvido.

<sup>25</sup> **Sextante:** instrumento ótico constituído de dois espelhos e uma luneta astronômica presos a um setor circular de 60° (1/6 do círculo), destinado a medir a altura de um astro acima do horizonte.

<sup>26</sup> **Latitude:** distância da linha do Equador a qualquer ponto da Terra, quer no Hemisfério Norte, quer no Hemisfério Sul.

<sup>27</sup> **Longitude:** ângulo compreendido entre o meridiano de um lugar e outro, tomado convencionalmente para o ponto de contagem (geralmente adota-se o de Greenwich como primeiro meridiano).

carvão em pó, transformando-o em aço de segunda qualidade, mas muito importante para a realização de um sem-número de objetos necessários, como machados, plainas, serras, pregos etc.



No início de maio, o grupo resolveu explorar parte da ilha, visando mudar-se das chaminés, já que o inverno se aproximava e a habitação não oferecia segurança, próxima à costa.

No percurso, Top, que ia à frente, ladrava junto ao lago, enfurecido, e não obedeceu ao chamado do dono, atirando-se à água. Todos correram e viram que o cão enfrentava em luta desigual um dugongo<sup>28</sup> enorme. Nab chegou a querer pular no lago para salvar Top, mas foi impedido por Cyrus.

Quando todos esperavam pelo pior, aconteceu algo incrível: Top foi lançado ao ar por uma força poderosa, mas invisível. Assim, voltou nadando à margem e todos puderam acompanhar que, abaixo da água, a luta continuava. Talvez um animal mais forte enfrentasse o dugongo. As águas tingiram-se de sangue e o corpo do animal morto boiou numa praiuzinha ao sul do lago. Os colonos correram para lá e puderam ver uma ferida no pescoço dele feita por algum instrumento cortante.

No dia seguinte, Spilett e Cyrus voltaram ao local onde o dugongo fora morto. O incidente da véspera não lhes saía da cabeça, pois viam naquilo um profundo mistério. Não encontrando respostas, o engenheiro pôs-se a investigar sobre o escoadouro das águas do lago, pois planejava baixar o nível da água: uma queda viria a ser muito útil a todos.

<sup>28</sup> Dugongo: mamífero marinho que habita o oceano Pacífico; tipo de peixe-boi.



Depois de produzir glicerina<sup>29</sup>, através de soda natural<sup>30</sup>, juntou xistos piritosos<sup>31</sup>, aquecendo tudo, e obteve sulfato de ferro, sulfato de alumínio e carvão. Com tudo isso, objetivava produzir nitroglicerina<sup>32</sup>, e conseguiu. Essa substância altamente explosiva faria voar pelos ares os penedos<sup>33</sup>.

Assim, no dia seguinte, os colonos transformaram-se em mineiros improvisados e conseguiram explodir o dique de granito em grande extensão. Por essa fenda, as águas corriam planalto abaixo e caíam na praia como cascata.

Pencroff parecia ver um deus em Cyrus e insistia para que ele produzisse armas de fogo, como se fosse possível! Aliás, Pencroff parecia ter riscado a palavra “impossível” de seu dicionário, na ilha Lincoln.

Ao lado do lago, no planalto, os colonos encontraram uma caverna habitável, mais segura que as chaminés. Ela era vasta e nela estava o escoadouro que tanto Cyrus procurara: havia uma boca de poço, e Top latiu muito ao se aproximar dela. Denominaram a caverna como o “Palácio de Granito” e se mudaram para lá no dia seguinte. As chaminés foram transformadas em oficinas de obras pesadas. Como o Palácio ficasse num nível superior, Cyrus projetou uma escada de corda para acesso do grupo e, quando estivessem dentro do Palácio, a suspenderiam para evitar entrada de animais ou piratas.

Harbert não negligenciara<sup>34</sup> na caça e continuava encontrando maravilhas, em termos animais e vegetais. Chegara a encontrar plantas medicinais excelentes, assim como chás com propriedades terapêuticas<sup>35</sup>.

<sup>29</sup> **Glicerina:** substância orgânica que se une aos ácidos graxos para a formação das gorduras; glicerol.

<sup>30</sup> **Soda natural:** soda cáustica.

<sup>31</sup> **Xistos piritosos:** pequenos fragmentos de rocha contendo pirita ou “ouro dos trouxas”.

<sup>32</sup> **Nitroglicerina:** líquido oleoso, altamente explosivo, que se obtém pela combinação de glicerina com os ácidos nítrico e sulfúrico, comumente empregado na fabricação de dinamite.

<sup>33</sup> **Penedo:** grande pedra; rochedo.

<sup>34</sup> **Negligenciar:** desleixar; descuidar.

<sup>35</sup> **Terapêuticas:** medicinais; curativas.

Mobiliaram a casa com objetos necessários, embora rudimentares, como camas, cadeiras, chaminé na cozinha; vedaram com cimento a boca do poço, que dava para o lago, e abasteceram o Palácio de Granito com água potável, vinda do lago. Construíram janelas e portas de madeira.



Quando o inverno chegou, com fortes tempestades e vendavais, os colonos agradeceram a Deus pelo trabalho realizado. Fizeram boas provisões de caça e com gordura de focas produziram velas de estearina<sup>36</sup>. Cyrus planejou caçar carneiros, quando o tempo estivesse bom, a fim de tecer agasalhos de lã para sua equipe.

Nada lhes faltava: tinham abrigo seguro, boa alimentação e, um dia, Harbert encontrou um grão de trigo em seu bolso. Deveria estar esquecido lá desde os tempos de Richmond, quando ele dava comida aos pombos.

Cyrus emocionou-se com o fato de poderem vir a fabricar pão através daquele pequeno grão. A partir daquele dia, Pencroff protegia sua “seara”<sup>37</sup> de trigo, dia e noite. Num dia muito frio, mas seco, o grupo saiu em nova expedição pela ilha. O aspecto do local lembrava as regiões polares invadidas pelo gelo. Pararam para almoçar carnes frias, acendendo uma fogueira. Ali observaram que a terra era estéril e levantaram hipóteses a respeito da ilha, concluindo que talvez ela fizesse parte de um continente submerso do Pacífico. Cyrus acreditava, também, que o Pacífico se transformaria no futuro num continente habitado e civilizado por novas gerações.

<sup>36</sup> Estearina: produto extraído da glicerina, com o qual se fazem as velas.

<sup>37</sup> Seara: campo de cereais; campo cultivado.



— Mas para que novos continentes? — perguntou Harbert.

— Chegará o tempo em que a vida humana e vegetal não será mais possível devido ao intenso resfriamento da Terra. Assim foi com a Lua, que esfriou e que já não é habitável, apesar de o Sol continuar a mandar o mesmo calor à superfície. Foi o fogo interno que se apagou, e este é um segredo que só pertence a Deus — falou Cyrus.

Após o almoço, a expedição prosseguiu. Caçaram alguns patos e pensaram que poderiam domesticar algumas aves, junto ao Palácio de Granito, para que se reproduzissem e ficassem mais próximas dos colonos.

O frio intenso durou até 15 de agosto. Nesse meio tempo, Pencroff e Spilett colocaram muitas armadilhas no planalto, obtendo boas presas, como coelhos e porcos selvagens. Durante o tempo em que eram obrigados a permanecer dentro do Palácio de Granito, os cinco homens dedicavam-se à atividade de marceneiros, complementando a mobília.

No fim do mês, a neve parou e o tempo começou a melhorar, ainda que um pouco frio. Assim, os colonos começaram a voltar a outras atividades, não negligenciando as provisões.

Top ficava impaciente quando fechado no abrigo. Cyrus notava que ele latia de modo singular toda vez que se aproximava do poço, por onde as águas do lago iam ao mar. Chegava a querer abri-lo com as patas!

O início da primavera foi muito comemorado e os colonos retomaram as atividades. Outro fato estranho ocorreu na noite de 24 de outubro, quando jantavam uma excelente carne de porco assada. Pencroff xingou, quando sentiu um dente quebrar-se.

— Os porcos têm pedras? — perguntou Spilett, diante do barulho.

Quando o marinheiro tirou o objeto da boca, todos tomaram um susto: era um grão de chumbo!!! Eles estavam há sete meses na Ilha e nunca encontraram sinal humano, mas o chumbo encontrado num leitãozinho de três meses provava o contrário...

À noite, Cyrus confidenciou a Spilett que tentava relacionar aquele incidente ao seu salvamento:

— Nunca haveremos de encontrar explicação para isso...

Cyrus concordou com Pencroff quando este propôs construir um barco, espécie de piroga<sup>38</sup> de casca de árvore. Enquanto o marinheiro construía a embarcação, Harbert e Spilett partiram para a caça.

Em 28 de outubro, voltou a ocorrer um fato estranho: Harbert e Nab encontraram uma tartaruga enorme, pesando umas quatrocentas libras<sup>39</sup>. Viraram-na de barriga para cima para a buscarem depois, com mais ajuda. Quando retornaram com Spilett e Cyrus, a tartaruga havia sumido...

Cyrus tentou encontrar lógica: talvez a maré tivesse subido e, na água, a tartaruga teria feito o que seria impossível na areia: virar-se sozinha. Mas, no fundo, não se convenceu de sua própria explicação.



<sup>38</sup> Piroga: nome comum às embarcações compridas, estreitas e velozes usadas pelos indígenas da África e América, algumas das quais são feitas de um só tronco cavado.

<sup>39</sup> Libra: medida de massa, igual a 0,4535923 kg, utilizada no sistema inglês de pesos e medidas.



Em 29 de outubro, a piroga estava pronta. Todos embarcaram e navegaram meia milha<sup>40</sup>, quando Harbert avistou alguma coisa na praia. Voltaram imediatamente e encontraram duas barricas e um grande caixote.

Emocionado, Cyrus abriu-os, esperando encontrar explicação para o grão de chumbo. Encontraram navalhas, machados, martelos, brocas, serras, agulhas, espingardas, facas, pólvora, talheres, panela; instrumentos como termômetro, barômetro<sup>41</sup>, sextante, bússola; máquina de fotografias; binóculo e até livros, como a Bíblia, atlas, dicionários e cadernos.

— O naufrago era um homem prevenido — sorriu Spilett.

Os colonos agradeceram aos céus aquele achado. Ao dormir, Harbert pediu a Cyrus que lesse qualquer coisa da Bíblia, quando Pencroff disse que a abraße ao acaso. Sorrindo, Cyrus atendeu o pedido do marineiro e logo uma cruz feita de lápis vermelho, no versículo 8, capítulo XII, São Mateus, chamou sua atenção:

— Aquele que pedir, receberá; e aquele que procurar, achará.

Em 30 de outubro, o grupo saiu navegando pela ilha, a fim de encontrar vestígios dos naufragos, a quem pertenceriam os caixotes e os barris da praia. Mas nada viram que indicasse presença humana, apesar de a expedição ter durado alguns dias.

— Resta-nos o consolo de que ninguém disputará conosco a posse da ilha — sorriu Spilett.

<sup>40</sup> Milha: medida itinerária inglesa equivalente a 1.609 m.

<sup>41</sup> Barômetro: instrumento com o qual se mede a pressão atmosférica.

Foi Top quem encontrou os restos do balão que os trouxera à ilha. Todos seguiram ao local, onde o cão latia, e ficaram felizes pelo achado: ali teriam tecido para lenços, lençóis e camisas para muitos anos.



Outro acontecimento também ocorrera: a piroga havia sumido do local onde os colonos a haviam amarrado. Quando voltavam a pé, lamentando a perda do barco para a correnteza, encontraram-no preso, como se estivesse à espera deles...

Quando chegaram ao Palácio de Granito, a escada não estava no lugar, de forma que eles eram impedidos de entrar na habitação. Parados e surpresos, ficaram conjecturando sobre possíveis ocorrências.

— Parece que o caçador do grão de chumbo se apossou de nossa casa — brincou Spilett.

O grupo resolveu entrar por uma nova corda; quando conseguiram subir, depararam-se com quatro macacos, que fugiram assustados ao vê-los. Apenas um restou, e parecia tão inofensivo que o grupo resolveu adotá-lo, atendendo aos apelos de Harbert, que acreditava na inteligência quase humana do animal. Batizaram-no de Jup.

E realmente Jup começou a aprender coisas e a ajudar Nab na cozinha. Cyrus começou a construção de uma ponte sobre o rio Merci e os demais empenharam-se na construção do galinheiro e do curral. Cyrus pretendia isolar o Palácio, transformando-o em uma ilha, dentro do próprio ilhéu<sup>42</sup>, unindo-o ao “continente” com pontes móveis que, a exemplo da escada de corda, pudessem ser alçadas e impedissem invasões no Palácio.

<sup>42</sup> Ilhéu: concernente a ilha; ilhota.



Usaram dinamite para isolar o Palácio e abriram uma vala por onde corria a água do lago. Jup os ajudava, como um perfeito pedreiro.

Um dia, dois onagros<sup>43</sup> atravessaram os pontilhões e se aproximaram do Palácio. Cyrus teve a excelente ideia de os domesticar para que servissem como burros e puxassem a carroça que construía.

Na primeira semana de janeiro, confeccionaram a roupa branca de que tanto necessitavam. Tinham agulhas e linha do caixote e tecido do balão. Fizeram também sapatos de pele de foca, largos e folgados.

Cyrus evitava desperdiçar chumbo e mandava que utilizassem grãos miúdos de ferro nas espingardas e, graças à habilidade dos caçadores, os resultados eram bons. O engenheiro queria estocar munição para prevenir o futuro. Ele poderia fabricar pólvora com salitre, enxofre e carvão, mas preferia substituir o explosivo com substâncias retiradas da celulose e outros vegetais.

Assim, os colonos resolviam os problemas das armas de fogo, defendendo-se de animais perigosos, com inteligência e arte.

O planalto, devidamente isolado, era cultivado pelos colonos: tinham hortas, cuidavam dos animais que haviam domesticado e que se reproduziam, pescavam, obtinham ovos de tartarugas e de pombas, em grandes quantidades, transportavam lenha e carvão na carroça. Tudo ia bem com eles, inclusive com Jup, que já se vestia com calças curtas e aprendia com extraordinária facilidade um sem-número de lições.

<sup>43</sup> Onagros – burros selvagens.

Chegava até a servir a mesa, como criado!

No fim de janeiro, puseram-se a construir o curral para os carneiros que lhes dariam a lã para o inverno. Até bebidas já preparavam, como chá e cerveja, obtida pela fermentação de raízes. Muitas vezes, conversavam sobre os destinos da Guerra da Secessão... Como seria bem-vindo um jornal que os pusesse a par dos acontecimentos da pátria!

A 24 de março, comemoraram o primeiro aniversário na ilha. De náufragos do ar, transformaram-se em promissores colonos, graças ao tino e à sabedoria de Cyrus e à força de vontade de todos.

No final de março, o tempo mudou e começaram as tempestades violentas. O estado de saúde de todos era excelente: a vida ao ar livre, o clima, o trabalho incessante<sup>44</sup>, tudo concorria para livrá-los das doenças.

Harbert crescia perfeito no físico e no moral. Lia os livros encontrados no caixote e aproveitava as lições de Cyrus. O engenheiro pensava satisfeito que, se morresse, Harbert poderia substituí-lo na liderança do grupo.

Cyrus construiu um elevador, a pedido de Pencroff, para substituir a escada de fibra: era um cesto que subia por uma corda, movida por um motor hidráulico<sup>45</sup>! Jup e Top foram os primeiros a estrear o elevador.

O engenheiro também fabricou vidro, utilizando o antigo forno de tijolo e as matérias-primas abundantes: areia, giz<sup>46</sup>, soda, ácido sulfúrico! Logo todas as janelas do Palácio tinham vidraças e os colonos dispunham de copos, taças e frascos. Um dia, encon-



<sup>44</sup> **Incessante:**  
constante; contínuo.

<sup>45</sup> **Motor hidráulico:**  
aquele que utiliza a  
água como fonte de  
energia.

<sup>46</sup> **Giz:** Calcário que  
pode reduzir-se a  
fragmentos ou a pó  
e que, em geral, con-  
tém sílica  
e argila.



traram a árvore-do-pão e Nab transformou os frutos em bolos e pudins, mas pão mesmo, só depois da colheita do trigo.

O leite dos animais era abundante. Tudo corria próspero e de nada se queixavam, exceto de saudade da pátria. Na Páscoa, todos se puseram a orar, em ação de graças.

Com o sextante, Cyrus fez nova medição, por sugestão de Spilett.

— Ora, o Sr. Cyrus não se engana — observou Pencroff. — Se a ilha não se mexeu desde que chegamos, há de estar onde ele falou...

E tinha razão. Cyrus se enganara apenas por cinco graus... Com o atlas em mãos, o engenheiro encontrou a Ilha Tabor, próxima a eles umas cento e cinquenta milhas.

Assim, nossos amigos resolveram construir uma embarcação mais resistente, que os levasse à ilha Tabor, o que, segundo Pencroff, levaria quarenta e oito horas de viagem.

Um dia, uma baleia apareceu morta e encalhada, na praia. No arpão que encontraram, estava gravado “Maria Stella — Vineyard”. Pencroff vibrou; conhecia aquele navio e Vineyard era um porto de Nova Iorque!

Esquartejaram o pobre animal morto e aproveitaram tudo: o leite, o toucinho, com o qual fizeram azeite e glicerina, e com as barbatanas Cyrus fabricou doze lanças, que serviram para matar raposas, lobos e jaguares.

O mês de julho, com grande frio, chegou e a construção do barco foi adiada, já que eles foram obrigados a permanecer dentro de casa. Aproveitaram o tempo e, com a lã dos carneiros, fizeram tecidos, sem a ajuda das máquinas têxteis, mas com fios enredados em todos os sentidos e prensados a vapor.



A 30 de julho, capturaram um albatroz, levemente ferido por Harbert. Tentaram a primeira correspondência: uma notícia curta, protegida, para que quem a encontrasse fizesse com que chegasse ao New York Herald!

Sempre conversavam à noite, e as ideias do engenheiro eram muito respeitadas.

— A água é o combustível do futuro, amigos. A água composta nos seus elementos e decomposta pela eletricidade. A água é o carvão do futuro.

Top continuava a latir quando rodeava a abertura do poço. E Jup acompanhava-o, nessas ocasiões, resmungando.

— Silêncio — exclamou o engenheiro. — Que bela dupla!... Devem ficar agitados quando pressentem algum animal marinho se aproximar...

Quando o frio já partia, os colonos concluíram a embarcação e a batizaram com o prenome de Pen-croff: Bonadventure. Naquele primeiro passeio, Harbert tornou a ver algo na praia. O barco aproximou-se e eles puderam examinar o objeto: era uma garrafa, lacrada, com um bilhete dentro. Abriram e leram, pasmados: “Náufrago. Ilha Tabor, 153 long. oeste 37°11” lat. sul”.



Isto apressou-os e, no dia seguinte, às cinco da manhã, Pencroff, Spilett e Harbert partiam, com provisões e armas. Exatamente dois dias depois, como Pencroff previra, chegaram à Ilha Tabor, que era uma ilhota muito parecida à Lincoln. Começaram a explorar o local, sem nada ou ninguém encontrarem.

À tarde, Harbert, estupefato<sup>47</sup>, encontrou uma casa vazia! Pencroff acendeu o fogo, iluminando a saleta. Todos puderam, então, ver uma cama desfeita, roupas úmidas e amarelecidas, chaleira, panelas cobertas de ferrugem, um armário, uma colher e uma Bíblia corroída pelo tempo, duas espingardas, um barril de pólvora, outro de chumbo, e muitas balas. Tudo estava coberto de pó.

O grupo dormiu na habitação e pela manhã continuou a exploração. Em uma tábua puderam ler “BR TÂ NA” (Britânia), mas isso não ajudou em nada. Não havia o menor vestígio do naufrago, que parecia ter morrido.

Quando ouviram gritos de Harbert lá fora, correram para ajudá-lo e se depararam com um animal, que parecia um macaco gigante. Mas, quando o examinaram melhor, viram que era um selvagem, um homem embrutecido, com longo cabelo e barba.

— Nossa obrigação é levá-lo conosco, seja ele quem for. — disse Spilett. — Talvez possamos tirá-lo do embrutecimento. A alma não morre...

O selvagem só comia carne crua, que devorava sem qualquer noção de educação. Permaneceu surdo e mudo, enquanto o barco regressava à Ilha Lincoln. A

<sup>47</sup> Estupefato: pasmado; atônito.

volta não encontrou tempo bom e, a 18 de outubro, eles quase foram tragados pelo mar, quando foram salvos pelo instinto de marinheiro do selvagem.



Só conseguiram localizar a Ilha Lincoln graças à fogueira que o engenheiro fizera na praia para orientá-los.

Quando chegaram, Cyrus ficou feliz por terem trazido o selvagem, que tentou fugir, assustado. O engenheiro pôs-lhe a mão no ombro e o olhou com infinita doçura, o que o fez sossegar, baixar a cabeça e não resistir mais.

O selvagem teve os cabelos e a barba cortados pelo engenheiro e já aceitava carne cozida. Cyrus deu-lhe roupas e impôs a si mesmo passar horas em sua companhia, ensinando-lhe algumas coisas. Aos poucos, o selvagem, que já tinha boa aparência, demonstrava prestar atenção no que os colonos falavam.

Um dia, Cyrus quis fazer uma experiência e deixou o selvagem, sozinho, na praia. Seu olhar cintilou, mas ele não tentou fugir. Quando o levaram à floresta, ele aspirou o ar da mata, profundamente, e suspirou, em seguida. Foi quando uma lágrima deslizou-lhe pelo rosto.

— Ah! — regozijou-se Cyrus. — Eis-te outra vez um homem... Choras...

Mais tarde, puderam saber que o naufrago era inglês e que estava havia doze anos vivendo só, como selvagem. Numa confissão pouco lógica e sequencial, contou a todos sobre uma traição cometida por um



contramestre do “Britânia” chamado Ayrton. Para não ser entregue à Justiça, pediu para ser degredado<sup>48</sup> na Ilha Tabor, onde permanecera por doze anos. Era sua própria história. Ao terminar, ele perguntou a Cyrus se era livre. E ouviu:

— Sim, você é livre.

Como um louco, ao ouvir isso, ele fugiu, novamente. Enquanto o aguardavam retornar, Cyrus construiu um moinho de vento e os colonos puderam moer farinha. No dia seguinte, eles já tinham uma broa magnífica à mesa. É impossível que alguém da civilização compreenda o quanto há de sagrado no simples existir de um pão.

Voltaram a ter notícias do selvagem dias depois, de modo singular. Harbert estava pescando, quando um jaguar se aproximou. Diante de seus gritos de socorro, o selvagem travou luta corporal com a fera, usando apenas uma faca. Quando matou o animal, o selvagem ia fugir, mas Cyrus pediu-lhe que ficasse com eles. Ao que o homem respondeu:

— Vocês são homens honrados. Eu não.

Os dias passavam. O selvagem não participava nem dos trabalhos nem das refeições e dormia na mata. Em janeiro de 1867, tudo corria com tranquilidade. Todos trabalhavam, inclusive Ayrton, que já cuidava do rebanho, ainda que isolado dos demais. Foi quando Cyrus teve a ideia de construir um telégrafo que estabelecesse comunicação entre o curral e o Palácio de Granito. Começaram a construir fios de ferro de ótima qualidade; depois desenvolveram uma

<sup>48</sup> Degredado: exilado.

pilha rudimentar, que acompanhava o trabalho do conjunto por eletricidade. A 6 de janeiro, colocaram postes com isoladores de vidro, receptor e manipulador, com mostrador alfabético.



Tudo isso movimentado pelo poder de um eletroímã fazia a correspondência entre uma estação e outra. Em 12 de fevereiro, Cyrus lançou a corrente através do fio e perguntou se estava tudo certo no curral. Instantes depois, Ayrton respondia que sim. Assim, a comunicação instalou-se, permitindo que acompanhassem o que ocorria no curral e não deixando Ayrton tão isolado.

Tudo ia bem. A colônia prosperava com trabalho árduo e alegre. Em março, completaram o segundo aniversário de permanência na ilha. Mesmo assim, todos sonhavam com o dia de voltar à pátria. Cyrus não se esquecera de que, na confissão de Ayrton, o lorde que o degredara à Ilha Tabor fizera a promessa de vir resgatá-lo um dia. E, com certeza, um homem de bem mantém e cumpre sua palavra.

Foi assim que eles resolveram ir até a Ilha Tabor deixar alguma inscrição sobre suas vidas na Ilha Lincoln, inscrevendo a posição geográfica de onde se encontravam. Porém, com o mau tempo, sentiam-se sem rumo definido e resolveram voltar. Quando estavam próximos à Ilha Lincoln, mas não a viam, devido ao denso nevoeiro, Pencroff lamentou a ausência de um farol e completou:

— Dessa vez, não teremos a fogueira do Sr. Cyrus a nos orientar...



Cyrus assustou-se ao ouvir a história do primeiro retorno da Ilha Tabor, quando traziam Ayrton, semi-selvagem, e viram uma fogueira de orientação na praia da Ilha Lincoln, que os salvou de perderem-se no nevoeiro. Até ali, todos pensavam que o autor fosse Cyrus, que havia permanecido na ilha. E, para espanto geral, não era.

Três dias depois, o Bonadventure voltava à Ilha Lincoln, onde era recebido por Ayrton e Jup, que pulava na areia, em festa. Cyrus estava muito intrigado com tudo. Sempre que necessitados, uma influência estranha agia em favor deles: o salvamento do próprio Cyrus; Top conseguir encontrar os amigos nas chaminés, debaixo de tempestade, sem nunca ter estado lá; depois a forma como o próprio Top fora salvo na luta contra o dugongo; o grão de chumbo na carne de leitão; o caixote e os barris da praia, sem sinais de naufrágio; a garrafa com o bilhete, que não fora escrito por Ayrton; a canoa que sumira e aparecera presa, por encanto; a tartaruga que se desvirou e fugiu; agora, a fogueira de orientação! Todos estavam surpresos, mas nada podiam pensar a respeito.

No inverno, Ayrton veio juntar-se aos outros, no Palácio de Granito. Passaram os meses de frio, como nos outros anos, em trabalhos no interior da própria casa, com reservas de alimentos.

Quando o tempo melhorou, Harbert saiu com a máquina fotográfica e, depois de bater algumas chapas, resolveu revelar o filme, como Cyrus lhe havia ensinado. Na foto, algo chamou sua atenção. Levou-a até Cyrus, que a examinou atentamente, com uma lupa de aumento:

— Um navio! — murmurou, espantado.

Fazia dois anos e meio que os náufragos do ar haviam sido arremessados à Ilha Lincoln e estavam incomunicáveis com o resto do mundo. Tentaram correspondência por meio de ave, mas não houve respostas. E, agora, viam um navio e não sabiam se se dirigia à Ilha Lincoln. Eles não eram mais pobres náufragos; eram homens felizes e prósperos, que haviam conquistado duramente o que possuíam e sobrevivido, sob condições tidas como impossíveis. Chamaram Ayrton para vir observar com o binóculo e conjecturavam se podiam ser os salvadores dele, que voltavam para resgatá-lo do exílio, no “Duncan”, o navio do lorde Glenarvan.



— Não — respondeu decidido Ayrton. — O “Duncan” é um iate a vapor. Aquele não solta fumaça.

Todos aguardavam a proximidade do navio, comovidos. No fundo, não saberiam se era temor ou alegria e se queriam ou não ser salvos. Mesmo assim, decidiram que fariam uma fogueira à noite na praia para comunicar ao navio sobre suas vidas. Não poderiam prever o futuro e não queriam se arrepender mais tarde por não terem tentado sair de lá.

À noite, viram que o navio dirigia-se para a Ilha Lincoln, com muita rapidez, e não podiam ver as cores da bandeira. Seriam piratas? Receosos, os colonos desistiram da fogueira na praia e ficaram fechados no Palácio.

Ayrton e Pencroff aproximaram-se do navio, a nado, e puderam descobrir que eram perigosos pira-



tas assassinos. Ayrton fora um deles e os conhecia bem. Foram vistos, mas conseguiram escapar e informar aos colonos sobre o perigo. Cyrus, então, dividiu a equipe armada, em três pontos estratégicos, e ficou aguardando até o amanhecer.

De fato, pela manhã um bote com piratas aproximou-se da costa para investir sobre os nativos que haviam aparecido próximos ao navio, à noite, e que eles não conseguiram capturar. Foram recebidos a bala e, assim, as duplas se revezavam e iam exterminando todos os piratas que se aproximavam, antes que desembarcassem. A vantagem de Cyrus era que o inimigo desconhecia o tamanho de seu exército: seis homens e Deus!

Pelos tiros, os piratas entenderam que não se tratava de nativos e resolveram entrar pela foz do rio. Os colonos, ainda dando combate, refugiaram-se no Palácio de Granito; vendo o navio aproximar-se, ficaram assustados, pois não queriam ser descobertos. No instante em que a primeira bala atingiu o Palácio, um acontecimento estranho ocorreu: uma tromba d'água emergiu, engolindo o navio, numa forte explosão.

Os colonos estavam tão tensos que não saberiam dizer se a explosão ocorrera dentro do navio ou fora. O que sabiam é que estavam salvos, novamente, por uma força estranha. A mesma, talvez, que estivesse agindo a favor deles desde o naufrágio.

No dia seguinte, apesar de terem visto que seis tripulantes haviam conseguido fugir e estavam soltos pela ilha, representando perigo a eles, os colonos foram examinar os restos do navio. Puderam recolher

caixas de objetos e um sortimento completo de produtos manufaturados, inclusive canhões. Examinando bem o casco do navio “Speedy”, Cyrus concluiu que ele estava totalmente destruído e não poderia ser mais utilizado: enormes rombos iam de um lado a outro.



Mais tarde, encontraram sinal de um torpedo. Eis a explicação: o navio fora tombado pela enorme tromba d’água. Mas ela fora produzida pelo torpedo, que o explodiu... Mas quem teria colocado o torpedo ali? Os colonos olharam para Cyrus, curiosos:

— Só sei que eu não fui — respondeu o engenheiro.

A partir daquele incidente, estava mais do que claro para os colonos que deviam gratidão eterna a um ser misterioso, que, como eles, habitava aquela ilha.

Contudo, não poderiam esquecer que seis assassinos estavam pela ilha e que precisavam encontrá-los antes que eles os encontrassem.

Ayrton permanecia no curral, cuidando dos animais e dando sinais pelo telégrafo. Enquanto Cyrus estava arrumando a segurança do Palácio, o grupo resolveu ir ver como estava o barco, depois da chegada dos piratas. Pencroff descobriu pelo nó que alguém tinha utilizado o Bonadventure e o teria devolvido em péssimas condições. Comunicaram a Cyrus, que se propôs a construir um abrigo mais seguro para o barco.



Naquele dia, enviaram mensagens para o curral e estranharam o silêncio de Ayrton. Como insistissem, sem respostas, partiram para lá, bem armados, exceto Nab. Quando lá chegaram, viram que o posto do telégrafo estava ao chão e o fio partido por mãos humanas. Assim que entraram, Top latiu e uma detonação seca atingiu Harbert, que caiu baleado. Como ainda vivia, os colonos o transportaram para dentro. Foi quando Cyrus deparou-se com um dos piratas e, por pouco, não recebeu uma bala. Atravessou o coração do criminoso com um punhal.

O ferimento de Harbert exigia cuidados, mas não era mortal. Os colonos improvisaram o atendimento e esperaram baixar a febre. Enquanto estavam fechados no curral, ocorreu-lhes que Nab, aflito, sem notícias, poderia sair em busca deles e seria assassinado a caminho, talvez como ocorrera a Ayrton.

Resolveram mandar um bilhete na coleira de Top e o enviaram a Nab. Receberam resposta, pelo cão, que Nab aguardaria no Palácio.

No curral, permaneceram dez dias até que Harbert se recuperasse. Lá tinham boas condições para sobreviver, visto que Ayrton vivera lá até ser capturado pelos piratas. Agora, Cyrus não tinha outra alternativa, senão a de matar os cinco sobreviventes.

Pensava nisto, constantemente. Onde estaria o protetor que os havia amparado o tempo todo, desde que chegaram àquela ilha? Teriam os piratas o assassinado, como a Ayrton? Cyrus sentia que os ventos da má sorte chegavam, mas como homem forte estava pronto a desafiá-los.

Um dia, receberam a visita do macaco Jup, que trazia junto ao pescoço um bilhete de Nab, comunicando-os das devastações que os criminosos fizeram no planalto, queimando plantações, matando os animais domésticos e destruindo tudo. Assim, a pedido do próprio Harbert, eles voltaram ao Palácio de Granito, sem maiores incidentes. Lá, Harbert piorou muito. Todos os estragos eram pouco diante do medo de perderem o rapaz, que ficou entre a vida e a morte vários dias. Spilett descobrira que se tratava de uma infecção e dizia que só um sulfato de quinino iria salvar o rapaz. E qual não foi a surpresa de todos quando, na manhã seguinte, depois de Top latir muito, encontraram sobre a mesa um vidro, que trazia um rótulo “Sulfato de Quinino”...



Quem teria entrado lá sem ser notado? Não importava. Cheios de esperança naquele poder invisível, que voltava a manifestar sua presença, restabeleceram o jovem Harbert. O ano de 1868 entrava dando-lhes de presente Harbert, completamente recuperado!

No dia 14 de fevereiro, saíram em missão de caçar os piratas. Pencroff levava um revólver, armado com a mesma bala que atingira Harbert. Haveria de acertá-los, com a mesma pontaria. Morreriam do próprio veneno!

Depois de muito procurarem, foram até o curral e o encontraram aceso. Cyrus achava que os cinco estavam reunidos, quando avistou Ayrton, sozinho. Não podia acreditar. Vivo? O próprio rapaz não sabia explicar.



Naquele momento, os latidos de Top os conduziram à margem do rio. E lá, sob o luar, viram os cadáveres dos cinco piratas que buscavam...

No dia seguinte, Ayrton lhes contou o que ocorrera com ele naqueles cem dias de separação. Fora capturado pelos piratas e levado a uma caverna, onde fora torturado e amarrado. Os piratas queriam que ele aderisse a eles e os ajudasse a invadir o Palácio e a matar os colonos. Como se recusasse, mantiveram-no preso, durante noventa dias, sob a guarda de um deles... Não sabia mais nada, mas surpreendeu-se ao saber da morte dos cinco criminosos. O justiceiro da ilha continuava agindo em sua proteção:

— Daria minha vida para pagar-lhe o que tem feito por nós — falou Cyrus.

Os colonos recomeçaram as atividades e, principalmente, dedicaram-se a construir um novo barco, já que o anterior os piratas haviam destruído contra os rochedos, na expectativa de fugirem.

Comemoravam o terceiro aniversário de permanência na ilha, quando, preocupados, ouviram barulhos de erupção vulcânica. Examinaram tudo, mas nada encontraram que comprovasse suas suspeitas. O vulcão parecia extinto.

Passaram os meses empenhados na construção de um navio maior que o “Bonadventure”, inclusive Ayrton. No inverno, interromperam as atividades e se enfiaram no Palácio de Granito, para se protegerem do frio.

Foi em setembro que Cyrus observou o vulcão despertar. O que poderia acontecer à ilha só Deus poderia saber. Mesmo assim, eles voltaram a trabalhar e sonhavam um dia, com a ajuda do barco, partir para a pátria e um dia regressar à Ilha Lincoln, com esposas e filhos...



Uma noite, os seis estavam reunidos no Palácio de Granito quando o telégrafo foi acionado do curral. Cyrus foi ler a mensagem: “Urgente. Corram ao curral.” Obedeceram, prontamente, entendendo que partia do misterioso dono da ilha. No curral, havia outro aviso: “Sigam o fio.” Obedeceram, novamente, e foram até os rochedos, acompanhando o fio. Esperaram a maré baixar e utilizaram um barco, que os levou a um estranho navio submarino, que flutuava, muito iluminado. Emocionado, Cyrus reconheceu-o: era o Nautilus. O submarino do Capitão Nemo!

Entraram, encantados com o submarino, quando Cyrus apresentou-se a um homem velho, de barbas brancas, deitado num divã.

— Mandou nos chamar, capitão Nemo? Aqui estamos.

— Não tenho nome, senhor — disse ele, parecendo doente.

Cyrus contou-lhes sobre como o conhecera: através do livro “Vinte Mil Léguas Submarinas”, escrito pelo Professor Aronnax, que sobreviveu a uma fuga do “Nautilus”. O Capitão Nemo sorriu, demonstrando alegria por saber que o naufrago sobrevivera.



— Vou morrer, mas antes vou contar-lhes minha história...

Nemo era o príncipe indiano Dakkar e recebera esmerada educação para ser um grande chefe político. Mas odiava os opressores de sua pátria: a Inglaterra! Homem de Estado e de ciência, casou-se e teve dois filhos, mas a felicidade doméstica não atenuava sua revolta íntima. Quando houve o levante contra os ingleses, liderou muitas lutas; a vingança caiu sobre sua família, já que não conseguiam capturá-lo. O príncipe Dakkar afastou-se com vinte companheiros e se refugiou no mar, construindo o “Nautilus”. O tempo passou e, agora, aos sessenta anos, o Capitão Nemo era o último sobrevivente do submarino. Vira a queda do balão e, por solidariedade, salvara Cyrus Smith. Através do poço, no Palácio de Granito, podia ouvir-lhes as conversas contra a escravidão nos Estados Unidos; ali estavam homens honestos e dignos de reconciliarem Nemo à humanidade. Após seu relato, os homens ajoelharam-se e beijaram as mãos do Capitão Nemo, em agradecimento eterno.

Nemo fez a eles seu último pedido: que no dia seguinte após sua morte, queria ser afundado com o “Nautilus”. Instruiu Cyrus em como fazê-lo e o preveniu de retirar o cofre, antes, e voltar com o barco que os trouxera.

Nemo quis falar a sós com Cyrus e morreu a uma da manhã do dia seguinte. O engenheiro cumpriu nos termos exatos a última vontade de Nemo, que queria ser afundado com o “Nautilus”, transformando-o em túmulo de seu dono.

Quando voltaram à ilha, estavam prostrados e se sentiam desamparados com a partida do protetor. Puseram-se à construção do barco e, assim, viram o ano de 1869 chegar. Em janeiro, perceberam novas erupções no vulcão. Pálido, Cyrus foi examinar os locais onde Nemo o avisara sobre possíveis explosões.



Quando esteve com Ayrton no curral, pôde ver que os animais por instinto estavam inquietos. Libertou todos, que fugiram espavoridos<sup>49</sup> para todos os lados. Cyrus voltou ao Palácio e contou aos amigos sobre o grave perigo previsto por Nemo antes de sua morte: um terremoto arrasaria a Ilha Lincoln.

Muitas erupções ocorreram, enquanto os colonos tentavam apressar o trabalho de construção do barco, dia e noite, sem descanso. Inutilmente, porque, na noite de 8 para 9 de março, a ilha explodiu e, em poucos minutos, o oceano Pacífico cobriu o lugar onde havia existido a próspera colônia.

O único ponto da ilha que não fora invadido pelas águas era agora um rochedo isolado, no meio do mar: o Palácio de Granito! Felizmente, os seis estavam reunidos no momento do terremoto e conseguiram se salvar, junto a Top. O pobre Jup morreu porque estava fora naquele momento.

Oravam e esperavam pela intervenção divina, quando viram Ayrton, quase sem forças, erguer-se e fazer sinais a um navio que se aproximava: era o “Duncan”, comandado pelo filho do Capitão Grant, Roberto, que vinha resgatá-los no meio do oceano!

<sup>49</sup> Espavoridos: assustados; aterrados.



Quinze dias depois, chegaram à pátria, já pacificada, depois da guerra que fez triunfar a justiça sobre o direito.

Com boa parte das riquezas do cofre deixado por Nemo, nossos amigos compraram uma ilha, nos domínios de Java, e lá fundaram uma colônia, que batizaram como a anterior: Lincoln. Tudo prosperou e permaneceram juntos até o fim, pelo juramento que os ligava. Spilett chegou a fundar um jornal excelente: “New Lincoln Herald”!

Vocês devem estar se perguntando: como o filho do Capitão Grant conseguiu localizá-los, se eles não haviam ido à Ilha Tabor deixar uma mensagem sobre a posição geográfica da Ilha Lincoln? A explicação é simples e foi Cyrus quem a descobriu, após Roberto mostrar o bilhete que encontrara: a letra era do Capitão Nemo. Ele havia estado na Ilha Tabor e deixara a mensagem anônima, na certeza de que os colonos não conseguiriam voltar lá. Até pouco antes de morrer, ele os protegera...

Viveram na nova colônia, sem nunca se esquecer da ilha que os abrigara na queda do balão e da qual, hoje, só restava um rochedo no oceano: o Palácio de Granito. Era como um indicativo do túmulo daquele que, em vida, fora o Capitão Nemo.

# Roteiro de Leitura



1. Quem era Cyrus Smith?
2. Cyrus foi preso no mesmo dia que um repórter do New York Herald, Gedeon Spilett. O que pretendiam eles e como conseguiram realizar seu intento?
3. Quem os acompanhou na viagem?
4. O grupo chegou a uma praia deserta, mas Cyrus desaparecera. Pouco depois seu cão também desapareceu. Como Cyrus foi encontrado?
5. Complete os espaços com palavras do texto: o grupo realizava um trabalho de reconstrução do mundo, porque o ferro e o aço estavam no estado de \_\_\_\_\_; a olaria, no estado de \_\_\_\_\_; as roupas em estado de \_\_\_\_\_.
6. Com inteligência e perseverança os fugitivos fabricaram muitas ferramentas, utensílios e armas. Quem era, no entanto, o gênio que tinha ideias para criar todos esses objetos?
7. Coisas estranhas já haviam acontecido: o salvamento de Cyrus, a agitação de Top sempre que se aproximava do poço. Mas depois da chegada da primavera esses acontecimentos multiplicaram-se. O que sucedeu?
8. Top encontrou também os restos do balão em que viajaram. Poderiam agora confeccionar roupas com o tecido. Domesticaram um macaco, Jup, e dois onagros que os auxiliavam em todas as tarefas. Para onde Pencroff, Spilett e Harbert partiram depois de encontrarem uma garrafa com uma mensagem?
9. O que encontraram na Ilha Tabor?
10. O selvagem era, na realidade, um náufrago inglês, Ayrton, que, para não ser entregue à Justiça, pedira para ser deixa-



do na Ilha Tabor. Ele se juntou ao grupo liderado por Cyrus, mas não vivia no Palácio de Granito. Onde ele costumava ficar?

- 11.** Quando um navio pirata chegou à ilha, o grupo, juntamente com Ayrton, refugiou-se no Palácio de Granito e um fato estranho ocorreu. O que foi?
- 12.** O que atingira o “Speedy”?
- 13.** Que outro incidente estranho aguçou a curiosidade do grupo e reacendeu suas esperanças?
- 14.** Uma noite o grupo recebeu uma mensagem pelo telégrafo. O que encontraram?
- 15.** Quem era Nemo?
- 16.** Qual o pedido de Nemo a Cyrus?
- 17.** Um terremoto arrasou a ilha, só sobrando o Palácio de Granito, mas quem os resgatou?
- 18.** Os amigos voltaram aos Estados Unidos e, com parte das riquezas do cofre do Capitão Nemo, compraram uma ilha. Onde ficava e o que fizeram nela?

## O Autor



Nenhuma outra obra literária refletiu com tanta fidelidade a história de sua época como a coletânea dos romances de Júlio Verne, conhecida como Viagens extraordinárias.

Nascido em Nantes, na França, a 8 de fevereiro de 1828, filho de Pedro Verne, cuja família orgulhava-se de sua tradição na advocacia, e de Sofia Alotte, proveniente de rica família de armadores, Júlio Verne mostrava uma forte inclinação para a literatura desde sua infância.

Talvez devido à sua formação familiar, Verne tenha se inclinado para um novo gênero literário: a ficção-científica, resultado da união de seus conhecimentos sobre a vida dos homens do mar, daquela época, cheia de aventuras, e sua formação escolar, na faculdade de direito, que o ensinara a raciocinar logicamente, e a aceitar somente os fatos como verdadeiros.

Júlio Verne, entretanto, viveu durante uma época privilegiada. O homem do século XIX conjugava harmoniosamente a ciência e a tecnologia. Uma mesma geração assistiu ao descobrimento da eletricidade, do automóvel, do avião, do rádio, do submarino, dos tecidos sintéticos, do cinema...

Verne assistiu a todos estes acontecimentos e antecipou-se a muitos deles. Maravilhava-se, assim



como seus contemporâneos, com a velocidade que o progresso adquiria. Tudo isto o levou a uma ideia, em que trabalhou com afinco desde seus 24 anos até sua morte em 24 de março de 1905: escrever a novela da ciência, estabelecendo uma ponte entre a ciência e a literatura. Para tanto, contava apenas com uma ferramenta: sua imaginação fértil, cujo ponto de partida era o estudo, a observação e a curiosidade.

Nem mesmo seu casamento com Honorina Hebè, o nascimento de seu filho Michel, ou suas ocasionais rugas com seu pai, o desviaram de seu propósito.

Seu profundo respeito para com a ciência nunca o deixou afastar-se do racionalismo ou realismo. E, mesmo em obras mais fantásticas, como *Viagem ao centro da Terra*, *Da Terra à Lua* e outras, sua finalidade era usar a fantasia para ilustrar os conhecimentos de sua época em astronomia, matemática, física, paleontologia, mineralogia etc.

Em suma, sua vida resumiu-se a retratar sua época, por isso Verne está profundamente imerso em seu tempo e expressa aspectos importantíssimos desse período. Seus personagens, em sua maioria, não são senão veículos de uma ideia ou agentes de uma empresa, quando não meros símbolos.

A coragem, a tenacidade, a lealdade, a nobreza de sentimentos não isenta de uma certa ingenuidade, tais como as principais características, em ocasiões um tanto estereotipadas, do herói verniano, que não se define tanto por si mesmo como pelo que faz.